

Roteiro de viagem



Este livro foi escrito para apresentar a Sociologia a jovens estudantes do Ensino Médio – como você. Nossa primeira tarefa é, assim, expor de forma viva e clara o que é a Sociologia. A segunda – e mais importante – é despertar seu interesse para esse campo do conhecimento.

Desde que começamos a conceber o livro, sabíamos que estávamos diante de um grande desafio. A alternativa mais óbvia para enfrentá-lo seria escolher um caminho já traçado por outros e nos deixar guiar por uma definição consensual: a Sociologia é uma disciplina intelectual que pretende produzir um conhecimento sistemático sobre as relações sociais. Por trás do consenso, no entanto, encontrariamos uma série de outras perguntas inspirada pela própria definição de que havíamos lançado mão: O que é uma “disciplina intelectual”? Como se produz um “conhecimento sistemático”? O que são “relações sociais”? Esses termos não se sustentam sem a devida explicação e provocam

Professor, na p. 22 do Manual do Professor (**Orientações gerais**), você encontra sugestões para o desenvolvimento das aulas.

em nós a vontade de ir adiante, perguntar e refletir mais para saber melhor. Foi aí que a lembrança de um famoso sociólogo contemporâneo nos ajudou. Anthony Giddens escreveu certa vez que “[...] a objeção que os membros leigos da sociedade frequentemente fazem aos postulados da sociologia é [...] que seus ‘achados’ não lhes dizem nada além do que já sabem – ou, o que é pior, vestem com linguagem técnica o que é perfeitamente familiar na terminologia de todos os dias”. Em outras palavras, aqueles que criticam a Sociologia, segundo Giddens, muitas vezes dizem que ela trata do que todo mundo sabe em uma linguagem que ninguém entende. Por que se diz que a Sociologia “trata do que todo mundo sabe”?

A Sociologia se debruça sobre fenômenos sociais que afetam nosso dia a dia. Afinal, somos seres que, por definição, vivem em sociedade. Algumas vezes, colaboramos e competimos uns com os outros, e em outras entramos em conflito uns com os outros – qualquer que seja a alternativa, estamos sempre *em relação*. Somos criaturas que não podem abrir mão da convi-

Radius Images/Gov Images



A Sociologia trata de questões que reconhecemos. Muitas dessas questões estão presentes em mídias como jornal, rádio, TV e internet, ou em conversas com amigos.

vência em grupo, somos “animais sociais”, como diria o filósofo Aristóteles. Mesmo os que optam por viver isoladamente, longe do contato com outros seres humanos, carregam consigo uma noção, uma ideia de “sociedade” da qual pretendem se afastar e cujos princípios renegam. Não à toa, o que estamos chamando aqui de fenômenos sociais muitas vezes provocam indagações. Por que a vida em sociedade é como é? Por que uns têm tanto e outros, tão pouco? Por que obedecemos ou contestamos? Por que as pessoas se unem ou se tornam rivais? O que é proibido e o que nos é imposto como obrigação? Por que os governos se organizam de determinada maneira, e não de outra? Essas e outras questões volta e meia nos intrigam, mesmo que não sejamos sociólogos de ofício. Quando, por exemplo, conversamos com um amigo ou colega, somos capazes de expressar opinião sobre qualquer um desses temas. Portanto, fazemos as mesmas perguntas que a Sociologia faz e identificamos os problemas nelas envolvidos. Nesse sentido, sabemos daquilo que a Sociologia trata. Mas será que a Sociologia usa mesmo “uma linguagem que ninguém entende”?

Sem dúvida, a Sociologia trata de questões que reconhecemos, mas com uma linguagem própria, diferente daquela a que estamos acostumados na vida cotidiana. Ela emprega uma maneira de falar e de escrever distinta da que utilizamos para emitir opiniões pessoais. É que a Sociologia se expressa por meio de conceitos, ou seja, noções formuladas de modo deliberado e preciso, e não por meio de noções do senso comum. O **senso comum** refere-se a um “saber-fazer”, a uma habilidade baseada na experiência prática, cujo domínio possibilita a realização de tarefas específicas: para se fazer um ovo cozido, é preciso saber cozinhar. O senso comum inclui ainda o que a Filosofia chama de conhecimento proposicional, ou seja, um conhecimento que não é prático, um “saber que”: você não precisa ser sociólogo para saber que a sociedade é composta de pessoas com diferentes níveis de renda. Crenças sem qualquer justificação plausível, aquilo que chamamos de superstição, assim como convicções morais e políticas, também formam o senso comum. Por mais parcial ou fragmentada que seja a noção que as pessoas têm de como funciona o mundo social, esse é um conhecimento que fundamenta suas ações e interações cotidianas. É o que Giddens chama de “sociologias práticas”, conhecimentos que quaisquer pessoas utilizam

rotineiramente e que não pressupõem necessariamente o domínio de regras formais. A Sociologia como disciplina se vale do senso comum na medida em que usa essas explicações que as pessoas dão para sua existência social como objeto de estudo.

Mas será que realmente existe apenas uma Sociologia? Ou seria mais adequado falarmos em “teorias sociológicas”?

Antes que fique muito complicado, vamos logo ao ponto principal: a Sociologia, e sua pluralidade de vertentes teóricas, ajuda-nos a refletir sobre nossas certezas, põe sob observação as opiniões mais arraigadas. Uma boa teoria sociológica é como um Sistema de Posicionamento Global (GPS), aquela ferramenta digital de localização geográfica: ela nos ajuda a identificar os pontos relevantes, guia-nos em percursos mais sinuosos e evita que nos percamos entre lugares e fatos triviais. Nesse sentido, a Sociologia não seria um espelho imutável que reflete a vida social em toda sua extensão. Fruto da concepção de seres humanos em um tempo específico, ela se aproxima muito mais da ideia de um mapa em construção, um GPS que só é eficiente na medida em que se atualiza. Sempre múltipla, ela é um campo do conhecimento que modifica a percepção que temos, de nossa rotina e, assim, contribui alterando a maneira como enxergamos nossa própria vida e o mundo que nos cerca. Voltando à crítica de Anthony Giddens, podemos concordar com a primeira parte, contanto que o final seja modificado: a Sociologia trata daquilo que já sabemos de uma maneira que não conhecíamos antes. E quanto mais conhecemos a organização geral da sociedade, seus diferentes grupos e interesses, seus valores e suas instituições coletivas, mais capacidade temos de intervir na realidade e transformá-la.

Essa nova maneira de olhar as motivações dos indivíduos e as relações que estabelecem em sua vida cotidiana dependeu de acontecimentos que possibilitaram a construção de um conhecimento especial. A Sociologia que será apresentada a você neste livro é filha dileta do que ficou conhecido como “tempos modernos”. Os próximos capítulos vão nos ajudar a entrar na atmosfera desse tempo de grandes transformações, dando corpo a uma ideia que estimulou as autoras deste livro: levar a ciência da sociedade aos estudantes do Ensino Médio. Venha conosco. A viagem está começando.



Leitura complementar

A promessa

Hoje em dia, os homens sentem, frequentemente, suas vidas privadas como uma série de armadilhas. Percebem que, dentro dos mundos cotidianos, não podem superar as suas preocupações, e quase sempre têm razão nesse sentimento: tudo aquilo de que os homens comuns têm consciência direta e tudo o que tentam fazer está limitado pelas órbitas privadas em que vivem. Sua visão, sua capacidade estão limitadas pelo cenário próximo: o emprego, a família, os vizinhos; em outros ambientes, movimentam-se como estranhos, e permanecem espectadores. [...]

Subjacentes a essa sensação de estar encurralados estão mudanças aparentemente impessoais na estrutura mesma de sociedades e que se estendem por continentes inteiros. As realidades da história contemporânea constituem também realidades para êxito e fracasso de homens e mulheres individualmente. Quando uma sociedade se industrializa, o camponês se transforma em trabalhador; o senhor feudal desaparece, ou passa a ser homem de negócios. Quando as classes ascendem ou caem, o homem tem emprego ou fica desempregado; quando a taxa de investimento se eleva ou desce, o homem se entusiasma, ou se desanima. Quando há guerras, o corretor de seguros se transforma no lançador de foguetes, o caixeiro da loja, em homem do radar; a mulher vive só, a criança cresce sem pai. A vida do indivíduo e a história da sociedade não podem ser compreendidas sem compreendermos essas alternativas.

E, apesar disso, os homens não definem, habitualmente, suas ansiedades em termos de transformação histórica [...]. O bem-estar que desfrutam, não o atribuem habi-

tualmente aos grandes altos e baixos da sociedade em que vivem. Raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial [...]. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás deles. [...]

A própria evolução da história ultrapassa, hoje, a capacidade que têm os homens de se orientarem de acordo com valores que amam. E quais são esses valores? [...] as velhas maneiras de pensar e sentir entraram em colapso. [...] Que – em defesa do eu – se tornem moralmente insensíveis, tentando permanecer como seres totalmente particulares? [...]

Não é apenas de informação que precisam. [...]

O que precisam [...] é uma qualidade do espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber com lucidez o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade, afirmo, que jornalistas e professores, artistas e públicos, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que poderemos chamar de imaginação sociológica. [...]

O primeiro fruto dessa imaginação – e a primeira lição da ciência social que a incorpora – é a ideia de que o indivíduo só pode compreender a sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu próprio período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cônscio das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980 [1959]. p. 9-12 (grifo nosso).

Professor, na p. 22 do Manual do Professor ([Leitura complementar](#)), você encontra comentários e sugestões para utilização deste texto nas aulas.



Sessão de cinema

Professor, na p. 22 do Manual do Professor ([Sessão de cinema](#)), você encontra sugestões para trabalhar com os filmes indicados.

National Railway Museum, Londres



FORREST GUMP: O CONTADOR DE HISTÓRIAS

EUA, 1994, duração 142 min.
Direção de Robert Zemeckis.

Enquanto espera a chegada de um ônibus, Forrest Gump relata sua trajetória a pessoas sentadas próximas a ele entrelaçando sua biografia a acontecimentos da história de seu país.

André Klotzel



MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Brasil, 2001, duração 101 min.
Direção de André Klotzel.

Adaptado do romance homônimo de Machado de Assis, o defunto Brás Cubas decide se distrair na eternidade relembrando fatos de sua vida e de seu tempo.